

# Lugares de Roma

## O Coliseu

**E**m 1972, São Josemaria dizia numa homilia: Venero com todas as minhas forças a Roma de Pedro e de Paulo, banhada pelo sangue dos mártires, centro de onde tantos saíram para propagar por todo o mundo a palavra salvadora de Cristo. Ser romano não implica nenhum particularismo, mas ecumenismo autêntico; supõe o desejo de dilatar o coração, de abri-lo a todos com as ânsias redentoras de Cristo, que a todos procura e a todos acolhe, porque a todos amou primeiro<sup>1</sup>.

As ruínas do Coliseu são testemunho eloquente da grandeza da antiga civilização romana e, ao mesmo tempo, da sua miséria e caducidade. De modo muito expressivo, João Paulo II caracterizava-o como "trágico e glorioso monumento da Roma imperial, testemunha muda do poder e do domínio da vida e da morte, onde parecem ressoar, quase como um eco interminável, gritos de sangue (cf. Jn 4, 10) e palavras que imploram concórdia e perdão"<sup>2</sup>.

### Grandiosidade e crueldade

O anfiteatro Flávio, que era o seu nome original, reflecte o génio romano, capaz de acometer empresas de grande envergadura cuidando ao mesmo tempo até os ínfimos pormenores práticos. Tudo nesta construção estava pensado para que as suas enormes dimensões e a sua solidez não prejudicassem

1. São Josemaria, Lealdade à Igreja (4-VI-1972).

2. João Paulo II, Via-sacra no Coliseu, Sexta feira Santa de 2003, Oração inicial.

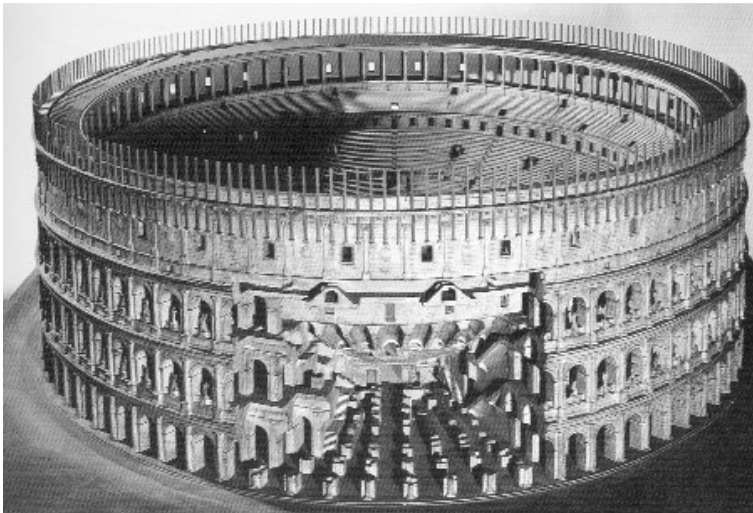


nem a beleza nem a funcionalidade. O equilíbrio arquitectónico conseguiu-se graças aos três andares de arcadas, em que se distribuíram sabiamente os espaços para dar uma sensação de leveza. O sentido prático estava presente numa enorme quantidade de aspectos: nos acessos, com mais de oitenta portas que permitiam encher e esvaziar o anfiteatro em poucos minutos; na distribuição dos lugares sentados, calculada para que de cada um dos cinquenta mil lugares se pudesse ver perfeitamente a arena; no sistema de toldos que protegiam a multidão do sol e da chuva, e que eram estendidos por uma equipe de cem soldados da marinha; na complexa rede de subterrâneos, onde havia ascensores de roldanas para içar os combatentes e as feras...

Demorou oito anos a construção deste grandioso edifício, empregando no trabalho uns doze mil escravos; na sua maioria hebreus, feitos prisioneiros por Tito depois da destruição de Jerusalém, no ano 70. O novo *Amphitheatrum* foi inaugurado no ano 80, com um programa de espectáculos e festejos que durou cem dias: faleceram na arena centenas de gladiadores, e morreram uns cinco mil animais selvagens. Também por essa época se celebraram as primeiras *naumachiae*, combates navais que se realizavam inundando o interior e que, pela sua novidade, devem ter impressionado vivamente os romanos.

Os sucessivos imperadores empenharam-se em proporcionar ao povo espectáculos cada vez mais aparatosos. Séneca já havia lamentado a espiral de violência e desumanidade a que

*Reconstrução do Coliseu que se encontra no Museo della Civiltà Romana, em Roma.*



conduzia este tipo de entretenimentos<sup>3</sup>. O povo podia sensações cada vez mais fortes, porque só lhe interessava o sangue, o puro homicídio e as matanças, quanto mais cruéis e sofisticadas melhor.

Neste contexto, as execuções dos condenados não eram demasiado interessantes para o público, porque os réus indefesos quase não apresentavam resistência aos verdugos ou às feras. Por isso se levavam a cabo ao fim da manhã, entre as lutas de gladiadores que se tinham visto até esse momento e as que se levavam a cabo pela tarde. Muitos desses condenados, que perdiam a sua vida ante espectadores embrutecidos e as mais das vezes indiferentes, eram cristãos.

### Um martírio insigne "in Amphitheatrum"

Um exemplo comovedor de como os primeiros cristãos enfrentavam o martírio foi-nos deixado por Santo Inácio de Antioquia, morto no tempo do Imperador Trajano. Convertido do paganismo, Inácio foi o segundo sucessor de São Pedro na sede episcopal de Antioquia. No ano 107 foi detido, condenado *ad belvas* -às feras- e enviado a Roma sob custódia militar para aí cumprir a pena.

Conhecemos bastantes pormenores da longa viagem desde a Síria à capital do Império pelo historiador Eusébio de Cesareia e, sobretudo, graças às sete cartas que o próprio Santo Inácio escreveu às Igrejas de outras tantas cidades para as fortalecer na fé e preveni-las contra as heresias gnósticas, que então começavam a estender-se.

Todas as cartas começam com uma saudação de *Inácio*, também chamado *Teoforo*, portador de Deus. O fundador do Opus Dei gostava deste apelativo: *devia poder aplicar-se a todos os cristãos o apelativo que se usou nos começos: "porta-*

3. Cf. Séneca, Epístolas morais a Lucílio I, 7, 3-5.

*dor de Deus". Age de tal maneira que possam atribuir-te "com verdade" esse admirável qualificativo<sup>4</sup>.*

Muito cheio de Deus ia Santo Inácio, como reflecte o tom de felicidade que têm as suas cartas: *cordialmente em Jesus Cristo e numa alegria imaculada...*, são palavras com as quais saúda os efésios; deseja aos de Magnesia *uma superabundante alegria em Deus Pai e em Jesus Cristo*; e aos de Filadélfia envia-lhes uma saudação *no sangue de Jesus Cristo, que é alegria eterna e constante...* As razões da sua felicidade eram totalmente sobrenaturais, já que o futuro mártir conhecia o que o aguardava; e os esbirros que o conduziam não se distinguiram pela delicadeza: *desde a Síria até Roma, escreve, vou lutando com as feras, por terra e no mar, de dia e de noite, atado a dez leopardos, isto é, a um pelotão de soldados. Estes, apesar do bem que recebem, tornam-se piores. Com os seus maus-tratos vou sendo mais discípulo [de Cristo]*.

Santo Inácio sentia-se feliz por compartilhar a Cruz de Jesus, e tinha o desejo ardente de que a sua identificação com Nosso Senhor se completasse com o martírio. Por isso, roga aos cristãos que não intercedam por ele junto das autoridades e manifesta o seu desejo de que as feras se lancem para o devorar rapidamente: *não me vá acontecer, diz, como a alguns a quem, acobardadas, não tocam*<sup>7</sup>. Eram famosos alguns casos em que os animais famintos não tinham atacado os cristãos ou inclusive se tinham lançado mansamente a seus pés, perante o assombro dos espectadores. Segundo antigas tradições, assim sucedeu a Santa Martina, a Santo Alexandre e São Marino, entre outros santos.

O bispo de Antioquia foi lançado aos leões in Amphitheatrum . Assim viu cumprido o seu desejo: *Sou trigo de Deus, e é preciso que seja moído pelos dentes das feras, para me conver-*

4. S. Josemaria, Forja, 94.

5. Santo Inácio de Antioquia, Carta aos romanos, V, 1.

6. *Ibid.*, V, 2.

7. *Martyrium Antiochenum* VI, 3.



*ter em pão imaculado de Cristo*<sup>8</sup>.

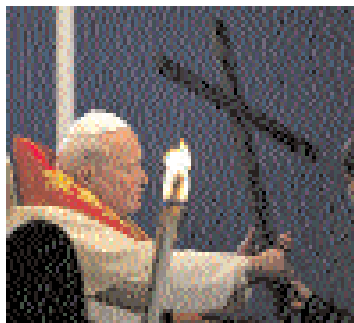
Depois do horrível espectáculo, os cristãos conseguiram resgatar alguns ossos do mártir, custodiaram-nos com veneração e mais tarde enviaram-nos para Antioquia: *vós haveis gozado do seu episcopado* - dizia São João Crisóstomo aos fiéis da cidade síria - *e os romanos admiraram o seu martírio. O Senhor retirou-vos este precioso tesouro por pouco tempo para o mostrar aos romanos, e devolvemo-lo com maior glória*<sup>9</sup>. No século VII, contudo, por causa das invasões sarracenas, as relíquias foram de novo trasladadas para Roma, e hoje repou-

8. Santo Inácio de Antioquia, Carta aos romanos, IV, 1.

9. São João Crisóstomo, In S. Ignatium Martirem hom., 5, PG 50, col. 594.



*Martírio de Santo Inácio de Antioquia, de Johann Kreuzfelder (1570-1636).*



No ano de 1964, Paulo VI retomou a tradição do rito da Via-sacra no Coliseu, iniciada por São Leonardo de Porto Maurício em 1750



sam na Igreja de São Clemente. Ali se pode ir agora a fim de, seguindo o conselho do Crisóstomo, *usufruir frutos espirituais dessas sagradas relíquias, porque são como um tesouro do qual se pode participar sem que nunca se esgote*<sup>10</sup>.

## O caminho do ordinário

Embora também o Circo Máximo, o Circo de Nero e outros lugares da Urbe tenham sido palco da morte de muitos cristãos, em 1749 o Papa Bento XIV consagrou o Coliseu como lugar santo em memória da Paixão de Cristo e dos sofrimentos dos mártires. Nesse mesmo ano, fez colocar ao redor da arena as estações da Via-sacra.

Actualmente, logo ao entrar no Anfiteatro, vê-se de frente uma grande cruz de madeira negra, que convida a rezar. Nesse lugar, diante do instrumento da Paixão do Senhor e recordando quem deu a sua vida por Cristo, é natural que surjam desejos de maior entrega, de superar para sempre o nosso egoísmo, de que aumente em todos os cristãos o amor à mortificação... Aspirações santas que, com o auxílio da graça, se podem tornar operativas na vida do dia-a-dia:

*Quantos, que se deixariam cravar numa Cruz, perante o olhar atônito de milhares de espectadores, não sabem sofrer cristãmente as alfinetadas de cada dia! - Pensa no que será mais heróico*<sup>11</sup>

O fundador do Opus Dei tinha uma grande devoção aos mártires dos primeiros séculos da Igreja. Recordou também que a santidade é para todos e alertava com frequência perante o erro de pensar que o heroísmo sobrenatural se limita a situações extraordinárias: perseguições, martírio, contradições de grande monta, ou a realização de grandes empresas para

10. *Ibid.*, col. 595.

11. *Caminho*, 204.



Lápide comemorativa da consagração do Coliseu como lugar santo.



glória de Deus... Em vez de desejar ardentemente essas gestas - que poderão apresentar-se alguma vez, mas que na vida real serão muito pouco frequentes -, animava todos os cristãos a seguir o caminho da heroicidade no meio das circunstâncias em que cada um de nós se encontra. Daí o conselho de *Caminho*:

*Queres ser mártir. - Eu te indicarei um martírio ao alcance da mão: ser apóstolo e não te chamares apóstolo; ser missionário - com missão - e não te chamares missionário; ser homem de Deus e pareceres homem do mundo. Passar inadvertido!*<sup>12</sup>.

Como os mártires, os que somos cristãos temos de ter o desejo ardente de cumprir a Vontade de Deus e de lhe manifestar o nosso amor, passando também pelo sacrifício, com alegria, porque a mortificação não é pessimismo nem espírito azedo. A mortificação nada vale sem a caridade; por isso, havemos de procurar mortificações, que, além de nos manterem livres em relação às coisas da terra, não mortifiquem os que vivem à nossa volta. O cristão não pode ser um verdugo nem um miserável; há-de ser um homem que sabe amar com obras, que prova o seu amor na pedra de toque da dor.

Mas - insisto - essa mortificação não consistirá habitualmente em grandes renúncias, cuja oportunidade não se nos depara com frequência. Há-de estar feita de pequenas vitórias: ter um sorriso para quem nos incomoda, negar ao corpo o capricho dos bens supérfluos, habituar-nos a ouvir os outros, fazer render o tempo que Deus põe à nossa disposição... e tantos outros pormenores, aparentemente insignificantes - contrariedades, dificuldades, dissabores - que surgem ao longo do dia sem os procurarmos<sup>13</sup>.

12. *Caminho*, 848.

13. *São Josemaria. Cristo que passa*, 37.